

# 1

## Introdução

Manuel Ferreira, no prefácio ao livro *Regresso Adiado*, afirma que a ironia foi um dos processos literários privilegiados por Manuel Rui<sup>1</sup>. A partir desta afirmação do professor, esta dissertação tem como objetivo analisar as formas através das quais o escritor empregou este recurso narrativo como meio eficaz para focalizar, na ficção, a pluralidade cultural encontrada em Angola no período colonial. Busca-se, com isso, verificar as contradições e a instabilidade das relações ficcionalizadas pelo autor sobre os grupos humanos que compuseram o processo colonial angolano.

Diante de sua vasta produção literária, optei por aprofundar uma análise dos contos reunidos no livro *Regresso Adiado*<sup>2</sup>, ressaltando os traços principais que particularizam a escrita de Manuel Rui.

A prosa ficcional do escritor está marcada por preocupações com a diversidade cultural que caracteriza Angola, em tensão com o regime colonial que se impôs sobre o país. Interesse-me, especialmente, pela maneira como o autor utiliza a ironia para problematizar o conturbado cotidiano da sociedade angolana, privilegiando questões referentes à mobilidade social em determinadas categorias: a adaptação dos novos ricos, os deslocamentos, as migrações e as reconfigurações identitárias, destacando o cruzamento de culturas.

Ao verificar as tensões e as contradições causadas pelo contato entre culturas diversas, podem-se examinar as representações do processo histórico que envolve a colonização, a identificação dos problemas ligados à assimilação cultural e a denúncia de uma espécie de subalternidade discutida nos textos de Manuel Rui.

Para iniciar as reflexões em torno do principal objeto teórico desta pesquisa – a presença da ironia como dispositivo narrativo nos contos do escritor – recorro a um trecho do panorama teórico desenvolvido pela professora Eunice Piazza Gai, como mapeamento inicial do problema no campo da filosofia. Esse

---

<sup>1</sup>FERREIRA, Manuel. “Prefácio” In: RUI, Manuel. *Regresso Adiado* (contos). 2ª ed. Lisboa/Luanda: Edições 70, 1977, p. 9.

<sup>2</sup> RUI, Manuel. *Regresso Adiado* (contos). 2ª ed. Lisboa/Luanda: Edições 70, 1977.

mapeamento se estrutura como uma revisão preliminar de textos fundamentais, já consolidados na tradição crítica:

Há certa necessidade humana de atribuir alguma finalidade aos atos dos indivíduos isolada ou coletivamente, razão pela qual a maioria dos estudos sobre as obras dos ironistas intenta vislumbrar algum ideal escondido sob os escombros da negatividade. A rigor, no entanto, a visão irônica do mundo não pretende instaurar ou indicar um melhor caminho do que o que está sendo trilhado; seu objetivo é criticar o existente, mas também está voltada para outros princípios, que a justificam como uma prática indispensável à liberdade de pensamento. A prática irônica consiste em desmistificar, desvelar formas carentes de valor, não obstante tidas como significativas por indivíduos isoladamente ou por grupos sociais.<sup>3</sup>

Se recuarmos ao século XIX, com D. C. Muecke (1815-1898)<sup>4</sup>, retomando a sua hipótese de formação do conceito de ironia, verificaremos a dificuldade de conceituá-la, uma vez que a ironia é um recurso indistinto e fluido. Muecke descreve categorias diversas para o conceito, enumerando formas de ironia<sup>5</sup>, afirmando que esta adquire funcionalidades diferentes, que variam de acordo com o efeito, meio, técnica, função, objetivo, praticante, tom ou atitude. Além disso, cada autor tem a sua própria forma de praticar a ironia, que não difere apenas em técnicas, estratégias ou estilos de época. Outra dificuldade seria o obscurecimento do conceito pela freqüente conjunção de ironia com sátira, paródia, humor, cômico ou grotesco, com os quais ela nem sempre se relaciona, embora se sobreponha, algumas vezes, até mesmo ao trágico.<sup>6</sup>

Em qualquer de suas formas, a ironia será uma estrutura comunicativa. De fato, nada pode ser considerado irônico se não for proposto e visto como tal; não há ironia sem ironista, e este será alguém que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciadores irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente, isto é, numa recepção que perceba

<sup>3</sup> GAI, Eunice Piazza. “A idéia de permanência no mundo em perspectiva irônica”. Disponível on line em 12 de agosto de 2008 no site [www.geocities.com](http://www.geocities.com). Acesso pelo link: [http://74.125.95.104/search?q=cache:Nyr\\_68fOdXkJ:www.geocities.com/ail\\_br/adeiadapermanencianomundo.htm+conceito+de+ironia&hl=ptBR&ct=clnk&cd=3&gl=b&lr=lang\\_pt](http://74.125.95.104/search?q=cache:Nyr_68fOdXkJ:www.geocities.com/ail_br/adeiadapermanencianomundo.htm+conceito+de+ironia&hl=ptBR&ct=clnk&cd=3&gl=b&lr=lang_pt)

<sup>4</sup> MUECKE, D.C. *Ironia e o Irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

<sup>5</sup> Ironia como ênfase retórica; Modéstia escarnecedora ou ironia autodepreciativa; Zombaria irônica; Ironia por analogia; Ironia não-verbal; Ingenuidade irônica; Ironia dramática ou o espetáculo de cegueira; Ironia inconsciente; Ironia autotraidora; Ironia de eventos; Ironia cósmica; Incongruência irônica; Ironia dupla; Ironia ardil; Ironia romântica. Cf. com MUECKE, D.C. op. cit., p. 24-28.

<sup>6</sup> DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006, p. 18-19.

a duplicidade de sentido e a inversão ou a diferença existente entre a mensagem enviada e a pretendida.<sup>7</sup>

A ironia estimula o leitor a reconhecer as várias possibilidades de interpretação que o texto apresenta, exigindo, assim, que este se comporte de forma ativa, atento ao que o texto tem a oferecer. O leitor participante, segundo Lélia Parreira Duarte, precisa ter a capacidade de perceber que a linguagem não tem significados fixos e que o texto pode apresentar armadilhas e jogos de enganos dos quais deverá, eventualmente, participar.<sup>8</sup>

O ironista, em seu papel de ingênuo, propõe um texto, mas de tal maneira ou em tal contexto que estimulará o leitor a rejeitar o seu significado literal expresso, em favor de um significado “translitera” não-expresso de significação contrastante.<sup>9</sup>

Para a professora, “a ironia é uma estrutura comunicativa que se relaciona com a sagacidade; é mais intelectual e mais próxima da mente que dos sentidos, é mais reflexiva e consciente do que lírica ou envolvida”<sup>10</sup>:

Todos os tipos principais de ironia que foram praticados e todas as classes de fenômenos que ora consideramos irônicos foram reconhecidos, com maior ou menor clareza, como ironia. A partir de então, quase tudo pode ser classificado ou como reformulações, redescobertas, distinções entre a ironia “real” e a “chamada” ironia, esclarecimentos, classificações ou subclassificações; ou pode ser encarado como discussões mais gerais da natureza da ironia, seu lugar na vida intelectual e espiritual do homem e seu lugar com relação a outros modos literários.<sup>11</sup>

Apesar de sua característica multifacetada, o que não se pode negar é que a idéia contraditória da ironia, em que se dizia uma coisa na intenção de fazer entender outra, ampliou-se, e ser irônico é possibilitar uma série de interpretações.<sup>12</sup>

No livro *Ironia e o Irônico*, Muecke examina os papéis da ironia e a importância da partilha de situações e acontecimentos<sup>13</sup> irônicos na vida diária dos diferentes grupos sociais. No seu estudo, conclui que muitas vezes se tem um

<sup>7</sup> Ibid., p.19.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> MUECKE, D. C., op. cit., p. 58.

<sup>10</sup> DUARTE, Lélia Parreira., loc. cit.

<sup>11</sup> MUECKE, D. C., op.cit., p. 46.

<sup>12</sup> DUARTE, Lélia Parreira., loc. cit.

<sup>13</sup> “Happenings”. MUECKE, D. C., op. cit., p. 15.

significado literal e um oculto, em desacordo um com o outro. Isso faz com que Muecke desenvolva um interesse pela ironia como arte e invista numa pesquisa para verificar o que realmente se entende por ironia, como ela atua, qual a sua função e o seu valor, como é construída, como é reconhecida, qual a origem do conceito e o seu destino.

Para Muecke, a literatura sempre foi um imenso palco para observar e praticar a ironia. O autor sugere que a ironia tem basicamente uma função corretiva, tendo a capacidade de restabelecer o equilíbrio quando passamos a ver a vida de forma muito séria ou o inverso, quando não a levamos a sério suficientemente. Portanto, ela estabiliza o instável, mas também desestabiliza o excessivamente estável.<sup>14</sup>

Em relação ao conceito, o estudo de D. C. Muecke nos mostra que se trata, como já foi dito, de algo vago, instável e que se apresenta de várias formas. A palavra “ironia”, segundo ele, teve sua significação modificada ao longo dos séculos e, além disso, apresenta sentidos diferentes de acordo com os países ou mesmo ambientes em que é empregada. Para Muecke, onde se encarava a ironia como algo essencialmente intencional e instrumental, em que se chegava a um propósito usando a linguagem de forma irônica, passou-se a considerá-la como algo observável e, por conseguinte, representável na arte, tornando-a passível de dupla significação. Onde ela era tida como uma prática mais restrita ou ocasional passou-se a generalizá-la. Onde se encarava a ironia como um ato finito ou uma forma de comportamento passou-se também a considerá-la como algo constante e autoconsciente.<sup>15</sup>

Já a figura do ironista, no estudo de Muecke, é a de alguém que é capaz de:

Ver alguma coisa irônica na vida [para] apresentá-la a alguém como irônica. (Se somos um artista, então apresentamo-la aos outros). Esta é uma atividade que exige, além de uma larga experiência de vida e um grau de sabedoria mundana, uma habilidade, aliada a engenho, que implica ver semelhanças em coisas diferentes, distinguir entre coisas que parecem as mesmas, eliminar irrelevâncias, ver a madeira a despeito das árvores, e estar atento a conotações e ecos verbais.<sup>16</sup>

Portanto, observar um sentido irônico implica não só a habilidade de ver contrastes, mas também o poder de moldá-los na mente de alguém. Inclui a

<sup>14</sup> MUECKE, D. C. op. cit., p. 19.

<sup>15</sup> Ibid., p. 34-35.

<sup>16</sup> Ibid., p. 61.

capacidade de imaginar, de lembrar ou de observar alguma coisa que formaria um contraste irônico.<sup>17</sup>

Em 2006, a professora Lélia Parreira Duarte publicou um estudo em que define a chamada ironia *retórica*<sup>18</sup>, que abrange o aspecto intelectual, provocado pelo estranhamento, pelo inesperado e pelo paradoxal, que entram em confronto com o habitual, com o previsível. Em consonância com os pressupostos de Muecke, a professora reafirma que o papel fundamental do receptor do discurso irônico é fazer o seu próprio raciocínio, associando a contradição ao significado pretendido. Segundo ela:

Esse tipo de ironia será assim basicamente (...) uma volta da seta semântica em que a palavra passa a ter outro conteúdo/significado, diferente do conteúdo/significado primitivo. Constitui-se então como ornato, luxo do discurso, cuja função será a de um sedutor deleite pragmático que, jogando com a expressão lingüística e com o prazer da compreensão, pode fazer chegar a um conhecimento efetivo capaz de preencher possíveis lacunas da convicção intelectual. Ao mesmo tempo, a retórica do discurso irônico está sempre ligada a algum tipo de disputa pelo poder e pela dominação do outro.<sup>19</sup>

De acordo com a autora, a ironia *retórica* corresponde ao primeiro grau de evidência da ironia, através da qual compreendemos a mensagem com o sentido que difere do exposto, estratégia que pode implicar tanto a simulação quanto a dissimulação. Mesmo que a mensagem não expresse exatamente o sentido pretendido, não se pode desconsiderar que há uma mensagem para ser compreendida, que algo é afirmado nela, “o que pode significar uma ideologia a exaltar ou defender”.<sup>20</sup>

Diferentemente da ironia *retórica*, Lélia Parreira Duarte apresenta-nos a ironia denominada *humoresque*<sup>21</sup>, ou de segundo grau, cuja função não é dizer o oposto ou afirmar algo sem realmente fazê-lo, mas sim conservar a ambigüidade da ironia e demonstrar a “impossibilidade de estabelecimento de um sentido claro e definitivo, pois o texto construído com essa ironia se configura como código evanescente e lugar de passagem”.<sup>22</sup> Como a professora verificou em seu estudo:

<sup>17</sup> Ibid., p. 62.

<sup>18</sup> DUARTE, Lélia Parreira, op. cit., p. 20.

<sup>19</sup> Ibid., p. 21-22.

<sup>20</sup> Ibid., p. 31.

<sup>21</sup> Ibid., p. 37.

<sup>22</sup> Ibid., p. 31-32.

(...) a ironia *humoresque* ocorre em momentos de distensão, embora exija um espírito alerta e ativo, capaz de afirmar sua substância nas fronteiras, consciente de que o absoluto se realiza e ao mesmo tempo se destrói num momento fugidio. Ironizar será, nesse sentido, distanciar-se, poder colocar questões, transformar presença em ausência, introduzir no saber o relevo e o escalonamento da perspectiva. Em razão disso o mesmo já não será o mesmo, mas um outro. Será ter flexibilidade, prevenir-se contra o desencanto com a arte de examinar superficialmente, sem se envolver como o fanatismo exclusivista. Pela recusa do envolvimento e do encantamento, a ironia *humoresque* será uma *gaieté* um pouco melancólica, inspirada na descoberta da pluralidade: nossos sentimentos e idéias devem renunciar à solidão senhorial e coabitar no tempo e no espaço com a multidão, preferindo a justiça à intimidade.<sup>23</sup>

A ironia *humoresque* surge da consciência de que a vida está em desacordo consigo mesma e com o mundo, pois os desejos do homem embatem-se contra a certeza de sua morte, a impenetrabilidade do futuro, a limitação de seus poderes, a força da biologia, a obstinação das forças naturais, em que a infinita insaciabilidade do desejo encontra finitas possibilidades de satisfação.<sup>24</sup> Por isso, há tanta decepção nos textos que utilizam essa ironia como estratégia textual. Sempre há mais anseios do que recursos para pô-los em prática. Sempre a realidade se mostra mais limitada do que o plano das idéias.

Mais uma vez, como não poderia ser diferente, o papel do leitor e sua interpretação são fundamentais, já que a percepção dessa ironia é feita “pela consciência do contraste entre aparência e realidade e pela capacidade de ler nas entrelinhas, nos silêncios, nos espaços vazios e nas incongruências”.<sup>25</sup> Na verdade, essa ironia será um efeito compartilhado entre o autor e leitor, já que os elementos fundamentais da estrutura comunicativa são emissor, receptor e mensagem, o que supõe uma comunhão do código entre os dois extremos do processo.

Levando em consideração o estudo da professora, nota-se que a ironia que Manuel Rui emprega em seus textos se aproxima mais da ironia dita *humoresque*, pois as frustrações e limitações encontram-se sempre presentes. Nos contos de *Regresso Adiado* percebem-se os conflitos, as contradições e, principalmente, os desacordos característicos desse tipo de ironia. Os desejos dos personagens não se realizam, pois eles sempre se deparam com as limitações. A decepção, presente

---

<sup>23</sup> Ibid., p. 33.

<sup>24</sup> Ibid., p. 37.

<sup>25</sup> Ibid. p. 38.

principalmente nos finais dos contos, torna-se também uma característica claramente observável.

Em seus textos, Manuel Rui retrata as ambigüidades presentes na sociedade angolana, o que faz de sua narrativa um campo perfeito para verificarmos a complexidade sociológica que, particularmente no período colonial, marcou esta sociedade, como examinaremos nos capítulos a seguir.